

# UM ESTUDO SOBRE OS PERSONAGENS NEGROS TÚLIO E PRETA SUSANA NO ROMANCE ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Priscila Raiane de Souza Lopes<sup>1</sup>

Larissa Costa da Mata<sup>2</sup>

## RESUMO

O romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, é um marco muito importante para a literatura brasileira. Isso porque, além de a obra ser considerada o primeiro romance abolicionista escrito por uma mulher negra, apresenta uma abordagem sobre o cotidiano das famílias de homens e mulheres escravizados vindos da África durante o regime da escravidão. São sujeitos que foram forçados a migrar de suas terras, por meio da diáspora. Essas pessoas não tiveram o direito de manter sua própria família sendo oprimidas pela dominação da sociedade escravocrata colonial. Esta pesquisa tem como objetivo compreender como se dá a construção da voz, das relações de afeto e da identidade desses personagens negros escravizados: Túlio e Preta Susana, a partir do enfoque nas condições de subalternidade que os negros viviam naquele período. A pesquisa considera, inclusive, a opressão sofrida pela mulher negra, que não possuía nenhuma visibilidade social, ao se concentrar na análise de Preta Susana. As discussões sobre Preta Susana vão estar voltadas para a interseccionalidade, uma vez que a temática está inserida dentro do contexto de um sistema duplo de opressão no qual influencia as experiências dessas pessoas na sociedade. O estudo também teve como foco de análise o papel do personagem Túlio, um jovem que estabelece uma relação de afeto com o homem branco, embora sem constituir uma igualdade social, pois segue a condição de sujeito submisso e silenciado. Para a realização deste trabalho, nos utilizamos de uma pesquisa qualitativa, em que foram estudados teóricos como Angela Davis (*Mulheres, raça e classe*, 1981); Gayatri Chakravorty Spivak (*Pode o subalterno falar?*, 1985); Kabengele Munanga (*Negritude, usos e sentidos*, 2020); Luiz Cuti (*Literatura negro-brasileira*, 2010) e Kimberle Crenshaw (*Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra as mulheres não brancas*, 1985). Os resultados desta pesquisa sugerem que Maria Firmina dos Reis foi uma mulher que trouxe para a literatura brasileira uma inovação em sua forma de abordar os personagens negros. Diante disso, se pode concluir que este estudo contribui para a valorização da memória dos povos negros num contexto em que esses personagens eram minimizados pelas obras em que figuravam. A pesquisa também contribui para uma revisão do cânone romântico, ao se debruçar em uma autora negra e mulher, Maria Firmina dos Reis, que esteve ausente do cânone tradicional.

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de Letras – Português da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus Multidisciplinar de Caraúbas; contato: rayyanlopesouza24@gmail.com

<sup>2</sup> Professora da Universidade Federal Rural do Semi-árido (UFERSA), vinculada ao Departamento de Linguagens e Ciências Humanas do Centro Multidisciplinar de Caraúbas; contato: larissa.mata@ufersa.edu.br

**Palavras-chave:** *Úrsula*; Túlio; Preta Susana; Escravidão; Diáspora;

## **ABSTRACT**

The novel *Úrsula* (1859), by Maria Firmina dos Reis, is a milestone in Brazilian literature. Besides being considered the first abolitionist novel written by a black woman, the work presents an approach to the daily lives of families of enslaved men and women from Africa during the slavery regime. These are individuals who were forced to migrate from their lands through diaspora. These people were denied the right to maintain their own families and were oppressed by the domination of colonial slave society. This research aims to understand the construction of the voice, affective relationships, and identity of these enslaved black characters, Túlio and Preta Susana, focusing on the conditions of subalternity experienced by blacks during that period. The research also considers the oppression suffered by black women, who had no social visibility, by focusing on the analysis of Preta Susana. Discussions about Preta Susana will be focused on intersectionality, as the theme is embedded within the context of a double system of oppression that influences the experiences of these individuals in society. The study also focused on analyzing the role of the character Túlio, a young man who appears in the early pages of the novel, establishing an affective relationship with a white man, without achieving social equality, maintaining a condition of submissive and silenced subject. For the realization of this work, we used qualitative research, studying theorists such as Angela Davis (*Women, Race & Class*, 1981), Gayatri Chakravorty Spivak (*Can the Subaltern Speak?* 1985), Kabengele Munanga (*Negritude, usos e sentidos*, 2020), Luiz Cuti (*Literatura negro-brasileira*, 2010), and Kimberlé Crenshaw ("Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color", 1985). The results of this research suggest that Maria Firmina dos Reis was a woman who brought innovation to Brazilian literature in her approach to black characters. Therefore, it can be concluded that this study contributes to the valorization of memory of Black peoples in a context where these characters were minimized by the works in which they appeared. This research also contributes to a revision of Romantic canon, since it focuses on an author who, besides being a woman, is black, Maria Firmina dos Reis, absent from traditional canon.

**Keywords:** *Úrsula*; Túlio; Preta Susana; Slavery; Diaspora.

## 1. INTRODUÇÃO

Neste artigo serão discutidos especificamente os personagens negros no contexto da escravidão na obra *Úrsula*, publicada em 1859, de Maria Firmina dos Reis: Túlio e Preta Susana. Buscaremos compreender como se dá a construção da voz, das relações de afeto e da identidade desses personagens negros, que são de grande relevância dentro da obra. Maria Firmina dos Reis trabalha uma linguagem poética, possuindo uma visão crítica em relação às pessoas negras escravizadas no século XIX e, principalmente, em relação às mulheres. No contexto do romance, essas são figuras marcadas pela opressão vinda de uma sociedade que se organizava através da estrutura patriarcal, ou seja, uma sociedade que dava espaço apenas para os homens brancos.

Em seu romance *Úrsula*, Maria Firmina apresenta a história de Tancredo e Úrsula, ambos com a vida marcada por perdas e decepções familiares. Através de um acidente sofrido por Tancredo, os jovens se conhecem. Entretanto, a presença da figura grosseira do tio de Úrsula, Fernando P., vai atormentar o romance dos dois e tentar impedir que eles tenham um final feliz. Em contraposição a essa história angustiante, o romance também traz em sua narrativa as histórias dos personagens secundários: Túlio e Preta Susana, dois escravizados que possuem uma forma única de visibilidade no romance, pois expressam seus sonhos, falam de seus medos e do direito de ter sua própria liberdade dentro do enredo.

Assim, o presente artigo teve como base o romance *Úrsula* e de teorias que consideram o negro como uma figura oprimida e que luta pela sua visibilidade social. Isso porque, apesar de Tancredo e Úrsula serem os personagens principais da história, a obra tem a participação de Túlio e Preta Susana, que são negros e contribuem para a construção da narrativa, ainda que permaneçam marginalizados no contexto social do romance.

Neste estudo, serão analisados especialmente os personagens negros, os quais contribuem para a valorização da identidade cultural do povo africano e para constituir a voz e a subjetividade desse povo na narrativa. Esse valor cultural é mostrado na obra a partir das experiências e características que Maria Firmina dos Reis aponta a respeito de cada um. O primeiro desses personagens, Túlio, ganha visibilidade desde o início do romance, quando o escravizado assume uma idealização moral romântica similar àquela

do protagonista Tancredo, que reforça os seus traços de ingenuidade e bondade. Para críticos como Cuti (2010), essa caracterização do personagem Túlio merece ressalvas, na medida em que estaria de acordo com uma visão de passividade do negro, presente em textos de autoria de homens brancos sobre o tema.

Além disso, por muito tempo, homens e mulheres negros foram considerados como figuras estereotipadas por autores homens do canône literário brasileiro, como Joaquim de Manoel Macedo (1820-1882) e Bernardo Guimarães (1825-1884).<sup>3</sup> Para o teórico Luis Cuti, em seu livro *Literatura negro-brasileira* (2010), é necessário que o Brasil reconheça o negro no campo das produções literárias, e, para acabar com o preconceito nas produções literárias, é preciso que os autores brancos façam da discriminação racial tema de suas obras.

Maria Firmina dos Reis, uma mulher negra e abolicionista, traz em *Úrsula*, outro personagem de representação da cultura africana, Preta Susana, uma escravizada caracterizada por ser uma mulher bondosa e compassiva, por desejar a liberdade, a qual vincula com sua terra de origem, e expressar a violência vivida pela separação da sua terra natal, por meio da diáspora. Hall (2003), seu livro *Da diáspora, identidades e mediações culturais*, argumenta que o processo diaspórico além de ser migratório, é uma experiência complexa que essas pessoas enfrentam, porque faz com que a cultura se modifique de acordo com as forças históricas e sociais, como o processo de escravização.

Entre as teorias que contribuíram para a realização deste estudo estão a da estudiosa estadunidense Angela Davis. A autora em sua obra *Mulheres, raça e classe*, trata da escravidão e seus efeitos, ou seja, da forma como a mulher foi desumanizada, sendo desprovida, inclusive, do direito de exercer sua própria maternidade e de manter-se próxima a família. Além disso, Davis, em sua obra, desconstrói a ideia de que o negro é um ser humano violento e perigoso (em especial o do sexo masculino), fazendo uma abordagem em teorias voltadas para marcas deixadas pelo regime escravista. Assim como Stuart Hall, Angela Davis argumenta que a sociedade escravocrata era um sistema de opressão que fez moldar a estrutura da sociedade colonial, contribuindo para a

---

<sup>3</sup> Com o livro *As vítimas-algozes*, de 1869, Macedo reforça o estereótipo do escravizado como um ser despojado de humanidade, receptáculo da maldade, da crueldade e da maledicência. Por sua vez, Bernardo Guimarães (1825- 1884), embora sincero em sua adesão à causa antiescravagista, criou, em *A escrava Isaura*, de 1875, uma personagem que em tudo seguia o padrão de beleza das heroínas importadas da França. (RUFFATO, 2009).

formação do capitalismo na modernidade. Essa ação fez com que cada vez mais se tivesse o poder da classe dominante, com atos racistas que inferiorizavam o negro e várias outras formas de exploração e violência, destacando principalmente as mulheres escravizadas que sofriam e sofrem ainda com a opressão, tanto por causa da sua raça quanto por seu sexo. Como veremos, Preta Susana vai trazer na obra *Úrsula* essas características negativas da sociedade escravocrata, que inferiorizavam o negro.

Este estudo também teve como base as ideias da Gayatri Charkravorty Spivak, escritora indiana, que argumenta em defesa do subalterno em seu livro “*Pode o subalterno falar?*”. Spivak classifica o subalterno de acordo com Gramsci, como um conceito que não pode ser atribuído a todo e a qualquer sujeito marginalizado, mas sim ao “proletariado”, ou seja, àquele que cuja sua voz não pode ser ouvida; descreve-o como aquele das camadas mais baixas da sociedade. A autora se refere ao fato de a fala do subalterno e do colonizado sofrer intermediação pela voz de outrem, que se coloca em posição de reivindicar algo em nome de um ou de outro. Para Spivak (2010), o sujeito intelectual e pós-colonial tem como tarefa criar espaços para que o subalterno possa falar e ser ouvido, pois para a autora, não se pode falar pelo sujeito subalterno, mas pode se trabalhar contra a subalternidade. O trabalho de Spivak é voltado para a mulher como subalterna, fazendo uma reflexão sobre a história de mulheres indianas que fizeram parte do contexto pós-colonial. A escritora relata a história de uma jovem indiana que não pode se autorrepresentar e, logo, não pode falar fora do contexto patriarcal e pós-colonial.

Os personagens Túlio e Preta Susana se encaixam no contexto que a Spivak defende pelo fato de serem sujeitos negros, escravizados e que vivem em uma condição de subalternidade no período escravocrata. Maria Firmina escreve o romance *Úrsula*, no período do século XIX, em que revela através desses personagens as condições de opressão e desumanização enfrentadas pelo negro. O romance *Úrsula* não apenas denuncia as condições de subalternidade, mas também traz esses personagens na condição de seres humanos generosos, ou seja, mesmo vivendo em condições de servos, eles acreditam que é possível ter sua liberdade, como é o caso do jovem Túlio, que sonha em ser livre, e de Preta Susana, que guarda suas boas memórias de quando vivia no continente africano.

Esta pesquisa também utilizou teorias como o movimento da identidade negra,

de acordo com Munanga (2020, p.8), “para ser construída é preciso levar em consideração o saber: histórico, o fator histórico, linguístico e o fator psicológico.” Essas questões reforçam toda a construção crítica da identidade negra. As ideias de Munanga sobre as questões de identidade estão interligadas com as questões raciais de opressão que foram vividas pelos africanos. A identidade, de acordo com Munanga (2020), é o reconhecimento e a valorização da cultura africana a partir das experiências compartilhadas pelos descendentes africanos. Esse conceito é trazido por Maria Firmina dos Reis especialmente por meio de Preta Susana, pois Firmina alude às suas experiências e aos costumes africanos mantidos no Brasil, para onde foi trazida durante a colonização.

A obra *Úrsula* foi escrita durante o romantismo, quando, segundo Cuti (2010, p.16): “prevalecia a temática do bom selvagem, os amores arrebatados, a vida social urbana e escravista.” Ou seja, o romantismo vai enfatizar os elementos nacionais como a natureza e a escravização, embora negando a humanidade dos negros. Cuti faz uma crítica ao modo como os escritores relatavam as vivências dos africanos em suas obras, que vão estar voltadas para as ideias europeias.

Para Cuti, Firmina não situa os personagens escravizados como protagonistas e por isso, na obra, são figuras que servem como suporte para apresentar os personagens brancos. Todavia, acreditamos que, a partir da análise dos personagens Túlio e Preta Susana, poderemos atribuir visibilidade a ambos, mesmo que não sejam protagonistas, pois a narrativa valoriza a cultura africana e a fidelidade entre os personagens Tancredo e Túlio.

## **2.MARIA FIRMINA DOS REIS E O ROMANTISMO BRASILEIRO**

A escritora negra Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís em 11 de outubro de 1825 e morreu na cidade de Guimarães, Maranhão, em 11 de novembro de 1917. De acordo com Silva (2022), Maria Firmina dos Reis morou com sua tia por muitos anos e, através dessa convivência, teve contato com muitas referências culturais que contribuíram para desenvolver o seu trabalho com a educação. Como consequência, no ano de 1847, foi a primeira mulher a ser aprovada em um concurso público no estado do Maranhão, ocupando o cargo de professora. Até 1881, trabalhou como professora

primária e essa conquista contribuiu para que a mulher tivesse o direito de estudar em uma época que a sociedade vivia o regime escravocrata. Vale ressaltar, também, que por muito tempo, as mulheres foram impedidas de terem acesso à educação,<sup>4</sup> e a conquista de Firmina como educadora, fez com que quebrasse esse padrão.<sup>5</sup> Maria Firmina foi a primeira mulher que contribuiu para que outras mulheres, em específico as mulheres negras, tivessem o direito de estudar.

O trabalho de Maria Firmina só começou a ganhar reconhecimento pela crítica literária depois que um bibliógrafo e colecionador, Horácio de Almeida, descobriu em um sebo um pequeno volume que, na capa, tinha o título “Úrsula/Romance Original Brasileiro/ Por uma Maranhense/ San’Luis/Na Typographia do Progresso/Rua Sant’Anna,49-1859”. A partir dessa descoberta, o bibliógrafo reconheceu o trabalho de Maria Firmina dos Reis e viu que tinha em mãos uma obra muito importante. Vale salientar que o livro não possuía a assinatura de Maria Firmina dos Reis quando foi encontrado; estava assinado como “uma maranhense”.

Tendo escrito o romance *Úrsula*, Maria Firmina se tornou a primeira mulher negra a escrever uma obra abolicionista. Além do romance *Úrsula*, escreveu o conto “Gupeva” (1861 e reedições), que, de acordo com Lobo (2006), tem um aspecto romântico, gótico e subjetivista, apresentando com temas carnis como o incesto, assim como ocorre em *Úrsula*. Os poemas de *Contos à beira-mar* (1872) também trazem esse aspecto de sentimento gótico, característico da segunda fase do romantismo. Em relação ao conto “A escrava” (1867), trata-se de uma narrativa que relata a triste história sobre a violência contra os escravizados (Lobo, 2006).

A relação de Maria Firmina com a geração romântica é marcada por seu forte sentimentalismo e nativismo, em uma prosa que descrevia a estrutura patriarcal escravista brasileira da época. O romance *Úrsula* possui um enredo dramático, com uma forte carga sentimental, mortes e separações. A obra foi inserida em um período que

---

<sup>4</sup> Em 1852, de acordo com Lonza (2019), em sua dissertação de mestrado: *A educação das mulheres no Brasil: Nísia Floresta e a experiência do Colégio Augusto (1838-1849)*, Nísia Floresta, contemporânea de Maria Firmin dos Reis, apresenta um quadro da situação da educação do Brasil na época, revelando que, dos 55.500 alunos das aulas públicas, apenas 8.443 eram mulheres. Seguem-se estatísticas para Minas, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro, as quais indicam que havia muito mais escolas primárias destinadas a homens do que a mulheres.

<sup>5</sup> Sobre a história da imprensa feminina ver: DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil*. São Paulo: Autêntica, 2016.

buscava uma literatura que abordasse as belezas naturais e o seu povo, essas características são possíveis de perceber logo nas primeiras páginas do romance, no momento em que o narrador faz toda uma descrição do cenário natural, descrevendo o espaço, o som da natureza, os traços do espírito gótico, com belas paisagens obscuras e apresentando a noite com um aspecto tenebroso: “E desce depois o crepúsculo, e logo após a noite bela, e voluptuosa recamada de estrelas; ou prateada pela lua vagarosa e plácida, que lhe branqueia o tapete de relva, derramando suave claridade pelos leques recurvados dos palmares.” (Reis, 2018, p.50). Nessa citação, podemos observar a união dos sentimentos humanos com as paisagens naturais, ou seja, o trabalho com o imaginário, dando uma ideia de movimento para a natureza. É possível observar também que, nas primeiras páginas do romance, o homem se conecta com a natureza do ponto de vista emocional. No primeiro capítulo, “Duas almas generosas”, notamos a admiração que o homem romântico tem pelas belas paisagens naturais:

São vastos e belos os nossos campos; porque inundados pelas torrentes do inverno semelham o oceano em bonança calma — branco lençol de espuma, que não ergue marulhadas ondas, nem brame irado, ameaçando insano quebrar os limites, que lhe marcou a onipotente mão rei da criação. Enrugada ligeiramente a superfície pelo manso correr da viração, frisadas as águas, aqui e ali, pelo volver rápido e fugitivo dos peixinhos, que mudamente se afogam e que depois desaparecem para de novo voltarem — os campos são qual vasto deserto, majestoso e grande como o espaço, sublime como o infinito. (Reis, 2018, p.49).

Nessa citação se destaca a descrição e a apreciação que o romantismo faz em relação à natureza, mas não de qualquer natureza, e sim de um espaço livre e belo, sem ter a pressão social, apenas a conexão entre o homem e o campo.

Depois da descoberta de *Úsula* por Almeida, o romance foi publicado em uma edição facsimilar em 1975, organizada por José Nascimento Moraes Filho (1922-2009) e com prefácio de Horácio de Almeida.<sup>6</sup> Nesse mesmo ano, o poeta e pesquisador Moraes Filho, publica a biografia de *Maria Firmina*: fragmentos de uma vida, a qual inclui trechos de um diário que Maria Firmina escreveu. Em 1988, a obra *Úsula* recebe uma nova edição, que tem como organizadora a pesquisadora Luiza Lobo, durante o período

---

<sup>6</sup> Trata-se da seguinte edição, a que não tivemos acesso: REIS, Maria Firmina dos. *Úsula*: romance original brasileiro. Edição fac-similar organizada por José Nascimento Moraes Filho. Prefácio de Horácio de Almeida. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica; São Luiz: Governo do Maranhão, 1975.

em que se comemorava o centenário da abolição da escravidão. Nas últimas décadas, Maria Firmina vem ganhando visibilidade nas universidades e se tornou pauta de discussões nos meios acadêmico e cultural, sendo escolhida como autora homenageada pelo Festival Literário de Paraty (FLIP) em 2022.

No período romântico no Brasil, as obras literárias do século XIX colocavam o negro em um caráter estereotipado, ou seja, era visto somente como um escravizado que servia aos senhores de engenho. Tratando-se das personagens mulheres negras, além de trabalharem nas casas dos burgueses, elas também eram escravizadas sexualmente. Além disso, a literatura brasileira nessa época tinha uma visão sentimentalizada do lar que caminhava junto aos ideais da burguesia, voltando-se para as mulheres, mães e donas de casa (MACHADO, 2018).

É no período romântico que autores como Maria Firmina dos Reis, Castro Alves, Luís Gama e Nísia Floresta começam a denunciar em suas obras as condições miseráveis nas quais se encontravam os negros. Enquanto Maria Firmina constrói a figura do escravizado revelando o próprio discurso do personagem, Castro Alves escreve sobre os escravos como mártires em seus poemas, a partir das ideias abolicionistas da geração condoreira do romantismo que o escritor liderava. Isso ocorre, por exemplo, em *Navio negreiro*, de 1880, que é um dos seus mais conhecidos poemas de cunho social. Apesar de Castro Alves ser branco, o autor tratava da escravidão com detalhes, em uma época na qual os escritores não abordavam muito sobre o tema no Brasil. Isso significa dizer que Castro Alves já dava os primeiros passos para fazer com que a sociedade quebrassem com o preconceito em relação ao negro.

Assim como Castro Alves, Luís Gama (1830-1882), contemporâneo a Maria Firmina dos Reis, deu sua contribuição para o resgate da memória do povo africano e se colocou no lugar dos escravos. Luís Gama trouxe a realidade da escravidão em seus poemas, além de ter se engajado na luta abolicionista por meio da advocacia, em auxílio da aquisição da liberdade pelos negros, tornando-se um grande símbolo do nosso povo negro<sup>7</sup>.

De acordo com Cuti (2010), Gama – escreve versos que mostram um ‘eu lírico’ que tem como persona o negro, além de incluir nos seus poemas a mulher negra como objeto de sedução. Para Cuti, além de Luís Gama, Cruz e Sousa e Lima Barreto foram capazes de estabelecer uma concepção histórico-literária que abordasse o preconceito

racial e que, posteriormente, evoluiria para a literatura negro-brasileira. Por sua vez, Firmina seguiria um olhar que reforça a humanidade do negro apenas quando o vincula ao flagelo da escravidão, que teria perdurado, posteriormente, nos romances do contexto pós-abolição da escravatura.

Finalmente, ao lado de Maria Firmina dos Reis, Nísia Floresta (1810-1885), foi uma das primeiras mulheres a se manifestar contra o sistema escravocrata, em uma época em que as mulheres eram silenciadas; porém, diferente de Maria Firmina, Nísia Floresta era branca, de classe abastada. Tornou-se defensora dos escravizados, obtendo um posicionamento frente à escravidão, com ideias revolucionárias não só em relação aos escravos, mas também quanto à questão da educação que, como vimos, não era permitida para mulheres.<sup>7</sup>

Portanto, Maria Firmina dos Reis pertence a uma linhagem da literatura brasileira afetada por um duplo mecanismo de exclusão: o da escrita de autoria feminina e o da autoria negra. Para se compreender a literatura negro-brasileira e o papel de Maria Firmina dos Reis entre essa linhagem, excluída do cânone, via de regra, é necessário entender que essa literatura resulta de um momento de opressão com o período da escravidão, mas que, através de muitas lutas do movimento negro, foi ganhando visibilidade.

Atualmente, o conceito de literatura negro-brasileira, de acordo com Cuti (2010), vai estar associado à luta dos escravizados, que, na literatura negro-brasileira, é representada pelas marcas de sentimentos e sofrimentos vividos pelos negros durante a escravidão. Vale ressaltar, que essa literatura se refere as obras literárias produzidas por escritores afro-brasileiros que trazem uma abordagem temática voltada para as experiências vivenciadas pelos negros no país. É através do discurso que esses sujeitos vão enraizar a sua memória na literatura, fazendo com que os leitores possam refletir e sentir sobre tudo o que essas pessoas viveram.

Vale ressaltar, também, que o papel do negro na literatura tem seu valor pelo fato de ser um povo que tem uma diversidade cultural extensa. Para Cuti (2010, p. 12), “o surgimento da personagem, do autor e do leitor negros trouxe para a literatura

---

<sup>7</sup> Nísia Floresta exerceu um importante papel para a educação, apesar de sofrer um forte preconceito da sociedade, ela não desistiu dos seus ideais e, em 1838, fundou o Colégio Augusto. Floresta foi uma das primeiras mulheres brasileiras a fundar uma escola exclusiva para meninas. (LONZA, 2019).

brasileira questões atinentes à sua própria formação, como a incorporação dos elementos culturais de origem africana no que diz respeito a temas e formas, traços de uma subjetividade coletiva.” Isso significa dizer que a literatura negra tem uma riqueza cultural que merece ser valorizada e não sofrer nenhum tipo de discriminação. Tais discussões relativas à identidade cultural serão ressaltadas nas análises da personagem Preta Susana, que, como veremos, guarda as marcas de suas culturas de origem apesar do processo de afastamento (a diáspora) de sua terra.

Diante dessa perspectiva, pode-se concluir que as discussões trazidas por este artigo, voltadas para a escravização dos povos africanos e para os efeitos de seus deslocamentos, para as suas singularidades culturais e para o silenciamento da sua fala, contribuiu não apenas para revitalização do cânone literário, mas também para a valorização da identidade negra, o que engloba traços da cultura africana, fazendo com que suas raízes não sejam apagadas da história. Dessa forma, o reconhecimento da identidade negro-brasileira é produto da resistência das próprias pessoas negras escravizadas, que lutaram por sua liberdade, pelo direito à vida e pelo direito a sua cultura. O reconhecimento dos grupos sociais não é causa, mas é consequência da luta.

### **3.PERSONAGEM TÚLIO: UM OLHAR PARA O AFETO**

Como mencionado, a publicação do romance *Úrsula* em 1859, Maria Firmina dos Reis traz uma imagem do negro diferente do que se tinha em outras obras literárias do século XIX, que o distanciavam do seu papel de sujeito e o aproximavam de uma visão preconceituosa e estereotipada, pelo fato de a colonização no Brasil ser construída através do homem branco e ter sua base na escravidão do povo africano. É por essa razão que Firmina traz a opressão vivenciada pelas mulheres negras e brancas, mas principalmente a condição de desigualdade a que os africanos estavam submetidos, descrevendo a estrutura das famílias rurais da época. Como veremos a partir do enfoque na personagem Túlio, esses indivíduos entram no romance de uma forma sentimentalizada e protagonizam uma nova forma narrativa, que é construída através da visibilidade que a autora dá à figura do negro, silenciado por muito tempo dentro do cânone literário (MACHADO, 2018).

Quando a autora inclui em sua narrativa os personagens excluídos pelo

patriarcado, dá voz a esses sujeitos, valorizando o negro enquanto ser que constrói sua própria identidade. Desse modo, deixa que os subalternizados assumam o papel de personagens relevantes dentro da obra, mostrando sua individualidade e experiência de vida. Isso é possível perceber através do jovem Túlio, um personagem caracterizado na narrativa como um escravizado “fiel” ao seu amigo escravista, Tancredo. O Tancredo é uma pessoa que pertencia à classe social dominante, pelo fato de ser branco e sua família viver em boas condições financeiras.

O romance faz uma apresentação do personagem de uma forma que denuncia sua hierarquia dentro da sociedade patriarcal e escravocrata, mostrando como o negro se comporta diante de um branco, que pode ser percebido quando o narrador descreve as características de Túlio e as condições vivenciadas enquanto escravizado: “[...] o pobre negro, fiel ao humilde hábito do escravo, com braços cruzados sobre o peito, descaída a vista agora para a terra, aguardando tímido uma nova interrogação.” Reis, 2018, p. 56), ou seja, o narrador descreve a posição do personagem em uma situação de subserviência, totalmente submisso a Tancredo.

Túlio era um escravizado de Luíza B., mãe da protagonista Úrsula; a narrativa idealiza, com ingenuidade romântica, o seu laço afectivo com a família com que vivia, pois, quando criança, aos cinco anos, foi separado de sua mãe. Na ocasião, quem cuidou dele foi a Preta Susana, uma escravizada que também servia à família de Úrsula. Túlio era servil e dedicado. Contraditoriamente, segundo alguns estudiosos, o romance *Úrsula*, Firmina tenta construir uma ideia de ruptura em relação à ordem senhorial, como afirma Duarte (2018, p.209):

A cena do primeiro capítulo da obra, em que o escravo Túlio salva o jovem branco Tancredo, recebendo palavras elogiosas de elevação moral e o gesto sensível do aperto de mão, é um exemplo, por excelência, da ruptura que a autora estabelece com a razão negra eurocêntrica e a ordem escravocrata.

É por essa perspectiva que o jovem Tancredo consegue ter admiração por Túlio ter sido tão generoso ao salvá-lo da morte no primeiro capítulo do romance. Tornando-se próximo de Túlio, ambos mantêm um padrão moral idealizado de personagens românticas, segundo estudiosos como Juliano Carrupt do Nascimento (2018), o que faz com que partilhem a bondade, a amizade, mas Túlio se mantenha preso ao amigo igualmente pela subserviência. Túlio também é apresentado como um sujeito que

pertence à cultura africana, com suas marcas de origem, apesar de nascido no Brasil, e que foi retirado de sua família:

— O homem que assim falava era um pobre rapaz, que ao muito parecia contar vinte e cinco anos, e que na franca expressão de sua fisionomia deixava adivinhar toda a nobreza de um coração bem formado. O sangue africano refervia-lhe nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão; e em balde o sangue ardente que herdara de seus pais, e que o nosso clima e a servidão não puderam resfriar, em balde -dissemos -se revoltava; porque se lhe erguia como barreira – o poder do forte contra o fraco!... (Reis, 2018, p.54)

Nessa citação, podemos observar que o narrador mostra o negro como uma figura que tem o seu valor reconhecido enquanto ser humano nobre e de bom caráter, mas também mostra a sua condição enquanto escravizado. Assim, o narrador apresenta as características físicas de Túlio, um pobre rapaz que ajudou o jovem Tancredo quando estava doente por ter caído de um acavalo. Esses elementos expressam a compaixão pelo outro, destacando duas características de Túlio, que são a bondade e a nobreza. Essa ação acontece no capítulo: Duas almas generosas:

—E o mancebo sentia mais, e mais crescer-lhe as dores, e as ideias se lhe barulhavam: entretanto, Túlio aproximava-se da casa de sua senhora para onde conduzia o moço enfermo. Empregava para isso todas as suas forças, porque conhecia que o moço sofria cruelmente. (Reis, 2018, p.59).

Vale salientar que o fato de Túlio ajudar o mancebo quando estava acidentado, quem foi grato a Túlio, por ter salvado sua vida, fez com que Tancredo se aproximasse de Úrsula, a quem é levado para que cuide dos seus ferimentos. Assim, a ação do escravizado contribui para que Úrsula e Tancredo se conheçam, atuando para consolidar o eixo central do romance. Por sua vez, Túlio por ter ajudado o homem branco, consegue sua liberdade. Isso é possível perceber no capítulo IX, no diálogo entre o escravizado e a Preta Susana:

—Tu! Tu livre? Ah não me iludas! — exclamou a velha africana abrindo os grandes olhos.  
— Meu filho, tu és já livre?...  
— Iludi-la! — respondeu ele, rindo-se de felicidade. — E pra quê? Mãe Susana, graças à generosa alma deste mancebo, sou hoje livre, livre como pássaro, como as águas; sou livre como éreis na vossa pátria. (Reis, 2018, p. 120).

Nesse trecho, pode-se perceber que Túlio está feliz por ter conseguido sua liberdade, porque Tancredo deu dinheiro ao escravizado como agradecimento por o ter salvo. Após Túlio levar o mancebo para a casa de Luiza B., Úrsula se divide entre os cuidados da mãe enferma e do mancebo. Muitos dias se passam, o seu quadro de saúde a cada dia ficava melhor e o cavaleiro já começa a falar quando seria a sua próxima partida. Mas, antes de partir, teria que dar a recompensa de Túlio, que seria a sua liberdade: “ — Recebe, meu amigo, este pequeno presente que te faço, e compra com ele a tua liberdade.” (Reis, 2018, p.68). Com esse dinheiro, Túlio compra a sua carta de alforria e agora se julga livre para viver da forma como quer. Porém, como Túlio também estava muito grato a Tancredo, resolve ficar e trabalhar com o amigo e, ainda que em outra condição, permanece subalternizado.

Diante do que foi discutido, embora Túlio tenha conseguido comprar sua carta de alforria, ele permaneceu dominado pelo processo de colonização. A relação do negro e a colonização, se desenvolveu através do colonizador, que é o detentor do poder, ao passo que o negro é o sujeito explorado. A colonização de acordo com Novais (2018), é um processo que ocorreu entre os séculos XVI e XIX, em um sistema voltado para o mercantilismo, envolvendo várias potências como: Portugal, Espanha e Inglaterra. As quais contribuem para a escravização dos povos africanos. Os escravizados eram submetidos a condições desumanas quando estavam na travessia do Atlântico para vir para o Brasil, evento que provocou a morte de muitos deles, como podemos ver nos poemas de Castro Alves, como *Navio negreiro*. Quando os escravizados chegavam ao seu destino, os seus colonizadores continuavam a tratá-los de forma brutal, enfrentavam jornadas de trabalho exaustivas, falta de condições sanitárias e altas taxas de mortalidade.

A literatura negro-brasileira de acordo com Cuti (2010) nasce a partir dos grupos de povos negros que se originaram fora da África e foram trazidos como escravizados ao Brasil. O negro no Brasil passou a ter o reconhecimento da identidade negro-brasileira como produto da resistência das próprias pessoas negras escravizadas, que lutaram por sua liberdade, pelo direito à vida e pelo direito a sua cultura. O reconhecimento dos grupos sociais não é causa, mas é consequência da luta.

No romance *Úrsula*, o negro e escravizado Túlio vive em um contexto colonial, período no qual predominavam o racismo e a violência do regime escravista. Maria

Firmina faz Túlio ganhar voz na narrativa conforme o leitor vai percebendo a importância que ele assume dentro da obra, mesmo não sendo o protagonista. Como podemos notar, Túlio é um homem escravizado e jovem. Para fazer a descrição de Túlio, o narrador usa uma linguagem sem estereótipos e sem deixar o personagem com uma imagem de inferioridade em relação aos personagens principais da obra, como podemos observar a seguir no trecho de “Duas almas generosas”:

E o mísero sofria; porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos, e puros como a sua alma. Era infeliz; mas era virtuoso; e por isso seu coração enterneceu-se em presença da dolorosa cena, em que tentava com piedade reanimar o jovem Tancredo, da situação que se encontrava, desmaiado ao cair de um cavalo [...]. (Reis, 2018, p.55).

Por sua vez, Tancredo era um jovem cavaleiro bem visto socialmente e que estava viajando sem rumo por conta de um amor não correspondido, o da sua primeira amada, Adelaide. A expressão dos seus sentimentos por essa jovem segue uma linha romântica, porque o narrador o caracteriza por meio do aspecto de um cavaleiro pálido e abatido, que está sofrendo. [...] “Um jovem melancólico atravessando a porção de um majestoso campo, que se dilata nas planuras de uma das nossas melhores e mais ricas províncias do norte, deixava-se levar através dele por um alvo e indolente ginete.” (Reis, 2018, p.51) O jovem Tancredo também é descrito como um sujeito generoso, ou seja, que se solidariza com Túlio.

[...] Apesar da febre, que o despontava, o cavaleiro começava a acordar suas ideias, e as expressões do escravo, os serviços, que lhe prestara, tocaram-lhe mais fundo o coração. É que em seu coração ardiam sentimentos tão nobres e generosos como os que animavam a alma do jovem negro: por isso num transporte de íntima e generosa gratidão ao mancebo arrancando a luva, que lhe calçava a destra, estendeu a mão ao homem que o salvara. Mas este confundido e perplexo, religiosamente ajoelhado, tomou respeitoso e reconhecido essa alva mão, que o mais elevado requinte de delicadeza lhe oferecia, e com humildade tocante extasiado beijou-a. (Reis, 2018, p.56).

Maria Firmina dos Reis coloca Túlio como um personagem que inicia as primeiras ações da história e que vai ganhando mais representatividade no decorrer da narrativa. À medida que Tancredo ia se recuperando, mais ele se preparava para a sua partida. Após Túlio ganhar sua liberdade, ele aspirava felicidade. Úrsula informava a Túlio sobre o estado de saúde de Tancredo. O fato de o escravizado deixar Tancredo sob

os cuidados da donzela, contribuiu para que os dois se unissem mais. A aproximação do casal começa a ser mais desenvolvida pelo narrador a partir do capítulo III, “A declaração de amor”, no qual é possível identificar no trecho a seguir o momento que Tancredo e Úrsula começam a se apaixonar:

Aí alguém lhe prendera o coração, e o mancebo, cheio de amor e de gratidão, sentia deslizar-se-lhes os dias breves e risinhos. Entretanto, sua partida era infalível; mas ele não podia afastar-se daqueles lugares sem ter uma explicação. Era preciso ver Úrsula, e Úrsula fugia-lhe como a caça foge do caçador.” (Reis, 2018, p.71).

Conforme o tempo passava, Tancredo se aproximava da sua viagem e Úrsula se sentia confusa em seus sentimentos, porque Tancredo era o seu primeiro amor. Porém, a jovem donzela não queria acreditar que estava apaixonada e se revolta contra esse sentimento. Ela se sentia humilhada e só na solidão, junto às árvores, derramava suas lágrimas aos prantos: “[...] “O que sinto por vós”, continuou comovido, “ ‘é veneração, e à mulher a que se venera, rende-se um culto de respeitosa adoração, ama-se sem desejos, e nesse amor não entra a satisfação dos sentidos’.” (Reis, 2018, p.74). Depois que Tancredo confessa o seu amor por Úrsula, ele segue viagem mais Túlio por dentro da mata verde, e Úrsula fica triste pela ausência de seu amor, indo até a floresta sonhar com o futuro dos dois.

Durante o casamento com Úrsula, Tancredo sentiu um estranhamento, porque percebeu que Túlio estava ausente. [...] “Era dia destinado para celebrar-se no convento de \*\*\* a cerimônia do seu casamento; e por isso a desapareição de Túlio assaz o surpreendeu.” (Reis, 2018, p.181). Percebendo que Túlio demorava cada vez mais, Tancredo teve a ideia de procurá-lo inquietamente junto aos seus. Todavia, o jovem não achou seu amigo e não o reencontrou, pois, tentando impedir que Fernando P. chegasse até o companheiro, Túlio foi pego em uma cilada e leva dois tiros de pistola dos assassinos.

Assim, Maria Firmina dos Reis consegue dar força participativa a um dos personagens secundários que é o escravizado Túlio, denunciando o regime escravista da época. Firmina contribui para o enfrentamento do racismo assim como também a ativista Angela Davis (2016), em seu livro: *Mulheres, raça e classe*. Assim como Davis,

Maria Firmina, em sua obra *Úrsula*, desconstrói a imagem do negro como perigoso e violento, construindo um personagem que apesar de não ser protagonista, é também considerado um herói na história, pelo fato de ter ajudado aqueles que precisavam de seu auxílio.

Dessa forma, podemos concluir que o jovem Túlio representa as pessoas que nasciam em cativeiro, ou seja, no Brasil e, quando adultas, eram encarceradas e depois vendidas para os donos de escravizados, já que, naquela época, os escravizados serviam como unidades lucrativas. Firmina condena a escravidão quando revela a sua crueldade e pela forma como ela insere os seus personagens negros no decorrer da narrativa: expressando o seu sofrimento e os gestos de bondade, como Túlio, e saudosas lembranças do continente africano, como Preta Susana, personagem analisada na próxima seção.

#### **4. A ESCRAVIZADA PRETA SUSANA E O PAPEL DE MÃE**

##### **4.1 A vivência diáspora de Preta Susana**

A personagem Susana é um exemplo de referência moral na narrativa, expressando um discurso de insatisfação por ter sido arrancada de suas terras para servir ao regime escravista. Susana relata sobre o aprisionamento e a resistência em relação às humilhações que as escravizadas sofriam. O papel de Susana na narrativa é mostrar a forma violenta que o seu povo era tratado e como os estrangeiros capturavam essas pessoas, ou seja, elas eram trazidas para o Brasil, arrancadas de suas famílias e amigos. O texto ocupa o capítulo IX do romance, que tem o discurso voltado para o passado histórico do povo africano e a representação da memória e da cultura dessas pessoas. Maria Firmina dos Reis descreve Preta Susana como uma mulher saudosa de suas memórias quando morava na África, o seu único momento de felicidade e de afeto era quando ela vivia trabalhando em suas terras.

Depois que Preta Susana foi retirada à força da África e veio para o Brasil, foram cometidos mais maus-tratos contra ela e os seus colegas que também viviam dentro do regime da escravidão. O que aconteceu com Preta Susana é o que Stuart Hall conceitua como diáspora. Segundo Hall (2003), em seu livro: *Da diáspora, identidades e mediações culturais*, a diáspora é um deslocamento forçado que um povo faz do seu

país por causa da pobreza, da falta de oportunidades ou subdesenvolvimento. Essa ação, que, no romance está vinculada ao colonialismo, acaba causando o espalhamento e a dispersão dos povos. A diáspora é uma consequência do regime da escravidão.

Preta Susana é uma mulher apresentada na narrativa com seus traços que se referem à sua identidade, representada pelos seus costumes e valores que não devem ser retirados de si:

Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu inferior. E impermeável- a algo tão “mundano”, secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência. A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades — os legados do Império em toda parte — podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento — a dispersão. (Hall, 2003, p.28).

Mesmo ocorrendo o processo da diáspora, é preciso levar em consideração que essas pessoas não deixarão totalmente suas origens culturais, ou seja, mesmo vivendo em outro país, eles permanecerão com suas crenças, tradições e costumes. A personagem Preta Susana guarda as suas lembranças de quando morava na África, o que se revela no diálogo entre Túlio e ela sobre a liberdade que conseguiu ter através de Tancredo, no capítulo IX, que leva como título o nome da personagem. Susana relembra sua vida com exaltação e prazer por ter vivido em seu país. Era no continente africano que Susana conseguia viver de forma livre. Ela relembra das saudosas manhãs, em que ia caminhar na praia junto às suas companheiras, com vastos sorrisos nos lábios e brincando alegremente. Preta Susana também relembra que naquele continente foi onde ela conheceu o seu amor e pai de sua filha e o lugar que, mais tarde, ela foi obrigada a deixar, assim como à sua família, para viver como escravizada:

Tinha chegado o tempo da colheita, e o milho e o inhame e o mendobim eram em abundância nas nossas roças! Era um destes dias em que a natureza parece entregar-se toda a brandos folgares, era uma manhã risonha e bela, como um rosto de um infante, entretanto eu tinha um peso enorme no coração. Sim, eu estava triste e não sabia a que atribuir minha tristeza. Era a primeira vez que me afligia tão incompreensível pesar. Minha filha sorria para mim, era ela gentilzinha, e em sua inocência semelhava um anjo. Desgraçada de mim! Deixei-a nos braços de minha mãe e fui-me á roça colher milho. Ah! Nunca mais devia eu vê-la... (Reis, 2018, p. 122).

Essas saudosas lembranças que Preta Susana sente, também são marcas da

identidade do africano pois, de acordo com Kabengele Munanga, em seu livro *Negritude, usos e sentidos* (2020), a identidade negra não nasce meramente da diferença da pigmentação da pele negra, em relação a brancos e amarelos, porque a identidade negra vai muito além da cor da pele. Isso significa dizer que as lembranças de Preta Susana além de formar sua identidade, também estão relacionadas ao que ela viveu na África, como uma mulher que nasceu e viveu em sua terra, mas que foi retirada forçadamente pela sociedade escravocrata colonial. Como podemos observar a seguir:

A identidade negra não se refere somente à cultura dos povos portadores da pele negra que de fato são todos culturalmente diferentes. Na realidade, o que esses grupos humanos têm fundamentalmente em comum não é como parece indicar o termo Negritude a cor da pele, mas o fato de terem sido vítimas das piores tentativas de desumanização de terem suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas mais do que isso, de ter sido negada a existência dessas culturas. (Munanga, 2020, p.19).

O fato do homem branco ter tido domínio sobre os negros, ocasionou a negação da cultura africana, que é formada pelas características que formam sua identidade. Preta Susana, mesmo vivendo em condições precárias de escravizada, não perde o sentimento que possui em relação à família e nem a felicidade que é em lembrar e falar sobre suas origens. Ademais, os traços físicos, como o penteado e a cor da pele são características da sua identidade, além das suas vestimentas: “[...] Susana, chama-se ela, trajava uma saia de grosseiro tecido de algodão preto, cuja a orla chegava-lhe ao meio das pernas magras, e descarnadas com todo o seu corpo: na cabeça tinha cingido um lenço encarnado e amarelo, que mal lhe ocultava as alvíssimas câs.” (Reis, 2018, p.118).

Susana denuncia a prática da escravidão voltada para a opressão que a mulher negra sofria. A denúncia que Firmina faz em relação à Susana, mostra como os colonizadores capturavam essas pessoas, ou seja, a forma como elas eram trazidas para o Brasil, arrancadas de suas famílias e amigos. As experiências de Preta Susana relatam sobre as condições desumanas que os escravizados passavam durante o deslocamento forçado até o Brasil, como podemos observar no seguinte trecho:

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativeiro no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é necessário à vida que passamos nessa sepultura até que abordamos às praias brasileiras. (Reis, 2018, p.122).

Através desse excerto, podemos perceber as condições precárias a que essas pessoas eram expostas. Assim, o romance apresenta as vivências dessas pessoas escravizadas de forma completa, ou seja, não só faz uma abordagem da cultura, mas traz também relatos das barbaridades do contexto escravocrata.

#### **4.2 Maternidade interrompida**

Nesta análise da personagem Preta Susana, é necessário levantar uma discussão muito pertinente sobre a categoria das mulheres partindo das suas identidades específicas, como é o caso da raça, do gênero e da classe social, segundo nos mostram estudiosas como Angela Davis. Isso porque o romance *Úrsula*, além de refletir sobre a escravidão e suas consequências para os indivíduos que experienciam a condição diaspórica, mostra quando e como as mulheres negras começaram a se tornar discriminadas. Foi através do colonialismo, com a dominação do patriarcado, que vieram à tona as opressões e a invisibilidade das mulheres negras, pois, para a sociedade colonial, a mulher branca era menos desprivilegiada. Isso tem como consequência, no caso de Preta Susana, a dupla sujeição por sua cor e pela condição feminina, que impede que viva a própria maternidade. Como vimos, Preta Susana foi forçosamente deslocada do país natal, tendo como consequência o rompimento dos laços familiares e o distanciamento da sua cultura, sendo obrigada a conviver em outra sociedade.

Assim como a Angela Davis, a Kimberle Crenshaw em seu artigo “Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra as mulheres não brancas” (1985), contribuiu para os estudos sobre as diferentes formas de opressão da figura feminina negra voltadas para a raça, gênero, classe e sexualidade, premissas da interseccionalidade.

De acordo com Crenshaw (1985), a interseccionalidade está associada às experiências de opressão e discriminação que as mulheres sofreram e ainda sofrem na sociedade. Crenshaw argumenta que nas últimas décadas, as mulheres têm se organizado contra a violência que faz parte do seu cotidiano, como a agressão sexual, que foi inserida dentro de um sistema de dominação que afeta a classe feminina.

Crenshaw (1985), conceitua a interseccionalidade como estrutural, que se refere

aos tipos de violência que as mulheres enfrentam, que muitas vezes é moldada pela sua identidade, como a raça e a classe. Essa interseccionalidade é causada pela desigualdade social, em que a maioria são mulheres pobres, não têm como se proteger dos seus agressores e acabam sendo vítimas de relações abusivas.

As mulheres não brancas como a Preta Susana, que veio de forma forçada para o Brasil, é um exemplo de mulher vulnerável a essas agressões, pois ela é uma escravizada que sofreu a opressão por ser arrancada de sua família, por viver em condições desumanas e por não ter os mesmos direitos que uma mulher branca da sua época. A interseccionalidade expressa por Preta Susana é representada pelo seu gênero e pela condição de escravizada que o sistema escravocrata colonial lhe impôs.

No século XIX, a mulher negra não tinha nenhuma voz frente à sociedade dominante. Um exemplo disso está na obra *Úrsula*, na qual a protagonista é uma jovem heroína que morava em sua humilde casa junto com sua mãe, Luiza B.. A jovem é apresentada no romance como uma mulher que seguia os padrões da classe social da época, em que vivia para cuidar do lar, esperando o cavaleiro para um dia se casar e construir sua família.

Por sua vez, Preta Susana é uma personagem que representa a vulnerabilidade da mulher negra no século XIX, pois é uma representação dessas mulheres vulneráveis, que viviam para o serviço doméstico e cuidavam dos filhos de outras famílias. Como foi mencionado em uma seção anterior, Susana foi separada de sua filha ainda quando estava na África e cuidou de Túlio quando ele foi abandonado ainda criança. Essa ação nos remete à ideia de que Susana pode também ter colaborado para proteger Úrsula, quase maternalmente, pois se recusa a dizer onde ela se encontra, mesmo colocando a própria vida em risco no final do romance.

Enquanto as mulheres brancas eram educadas para cuidar do lar e serem esposas virtuosas, as mulheres negras eram usadas para, além de trabalhar no regime da escravidão, serem escravizadas sexualmente pelos feitores, que tinham poder sobre elas. Também tinham a função de serem “mães de leite,” ou seja, cuidavam dos filhos das mulheres dos burgueses e não tinham o direito de terem sua própria família.

Em *Mulheres, raça e classe*, Angela Davis assim como Crenshaw, nos permite entender todo o contexto de opressão imposta aos negros, principalmente no que diz respeito à figura feminina. Segundo a autora, as mulheres negras ainda vêm tendo

uma luta muito árdua na busca por emancipação, desde a época da escravidão, sempre tiveram que trabalhar fora mais do que a mulher branca e eram vistas como lucro para osseus senhores.

Maria Firmina situa Preta Susana em semelhança com outra personagem negra de sua autoria, que também sofre com as péssimas condições impostas a ela. Trata-se de Joana, mãe de Gabriel, do conto “A escrava” (1887), que, assim como Susana, morre sem conseguir sua liberdade. Joana é uma escravizada que está fugindo do seu feitor e é acolhida pela senhora abolicionista, branca e letrada, que narra a história. Assim como no romance *Úrsula*, o conto “A escrava” narra todo o sofrimento dos negros escravizados que eram retirados de suas famílias em função do tráfico negreiro. A personagem Joana se assemelha à Preta Susana tanto no aspecto escravista, como na questão familiar, porque ela perdeu seus outros dois filhos para a escravidão, por consequência disso, enlouqueceu, como pode ser visto no trecho abaixo:

— Minha mãe!... Minha mãe, – de novo exclamou o filho.  
Ao som daquela voz chorosa, e tão grata, ela ergueu a cabeça, distendeu os braços, e, com voz débil, murmurou:  
— Carlos!... Urbano...  
— Não, minha mãe sou Gabriel.  
— Gabriel, – tornou ela, com voz estridente. – É noite, e eles para onde foram?  
— De quem fala ela? – interroguei Gabriel, que limpava as lágrimas na coberta da cama de sua mãe. (Reis, 2018, p.12)

Tanto no romance *Úrsula* como também no conto “A escrava”, Firmina faz uma denúncia ao regime escravista mostrando como as classes menos favorecidas eram subalternizadas. Essa denúncia está explícita nas primeiras páginas do conto. [...] “Em um salão onde se achavam reunidas muitas pessoas distintas, e bem colocadas na sociedade, e depois de versar a conversação sobre diversos assuntos mais ou menos interessantes, recaiu sobre o elemento servil.” (Reis, 2018, p.4). A denúncia é expressa pela própria narradora, que mostra a burguesia dialogando sobre um assunto de alta importância e a situação da classe servil acaba entrando no meio da conversa, gerando uma discussão sobre as condições dos subalternos.

Gayatri Charkravorty Spivak, escritora indiana e teórica pós-colonial contribui para que pensemos sobre a subalternidade associada ao gênero feminino. Como mencionado, no romance *Úrsula*, a subalternidade das mulheres (como Preta Susana e a protagonista *Úrsula*, entre outras) se combina à sujeição vivida pelos negros

escravizados. Quanto à figura feminina escravizada, a visão que se tinha era de estereótipos, ou seja, uma mulher que servia para os afazeres domésticos, para ser sensualizada e para ser disponibilizada para o sexo sem compromisso, tornando a condição feminina uma forma de opressão, em especial no caso das mulheres negras, cujos corpos eram considerados propriedades dos senhores.

Vale ressaltar, que o corpo de Preta Susana é também visto como propriedade, mas não no sentido erótico, e sim porque ela é levada à morte no final da narrativa, por não se sujeitar às ordens de seu senhor Fenando P., Dessa forma, apesar de Preta Susana ser submissa por ser mulher e negra, a análise desta personagem é baseada na apresentação que Maria Firmina coloca sobre a personagem dentro da narrativa, de uma maneira que ela seja vista como uma mulher negra não erotizada, sem ter sido considerada apenas no papel de escravizada, como autores de outras obras literárias da época costumavam abordar as personagens femininas. Ao longo da narrativa, Susana se mostra uma mulher protetora, que, mesmo sendo escravizada, não deixou, que a violência sofrida, tirasse de si o amor e o cuidado que ela conseguiu entregar ao seu filho adotivo, Túlio. Logo, considerando as questões de gênero e raça citadas nesta análise, pode-se concluir que o romance *Úrsula* mostra a opressão que a mulher negra sofreu durante o regime escravista, pois Preta Susana é uma mulher que tem a sua liberdade restringida pelos escravistas.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Após analisarmos os personagens negros Túlio e Preta Susana, pode-se afirmar que Maria Firmina dos Reis, no seu romance *Úrsula*, não apenas os mostra como figuras marginalizadas, mas expressa, através da voz desses personagens seus sonhos e anseios, desafiando outros autores da época da escravidão, que retratavam a figura do negro considerando exclusivamente a opressão que sofriam.

Desse modo, a autora contribui para a ideia de Cuti, quem ressalta a importância de se ter a presença do negro em obras literárias, argumentando que é necessário que os autores incluam em suas obras essas pessoas, porque será uma forma de combater a discriminação. Ainda que a autora preserve aspectos da narrativa romântica, utilizando-se de recursos como a idealização do caráter moral dos personagens como Túlio, ex-

escravizado que permanece subserviente, *Úrsula* suscita, em especial a partir de Preta Susana, consciente da sua condição diaspórica e da sua privação de liberdade, discussões atuais sobre a dupla forma de sujeição a que se vincula a mulher negra, para as quais colaboraram as teóricas Davis e Crenshaw.

Dentre os autores estudados, Hall, Davis, Spivak e Crenshaw têm em comum a maneira como criticam o sistema de opressão que marginaliza esses sujeitos negros. Cada um desses teóricos têm sua maneira de reconhecimento e valorização das pessoas silenciadas, uma vez que defendem que é preciso ter a criação de mais espaços para que essas pessoas sejam ouvidas, para que as suas experiências sejam compartilhadas e reconhecidas em todos os espaços sociais. Ademais, os teóricos estudados contribuem para a desconstrução dos estereótipos que são impostos a essas camadas sociais desprivilegiadas, principalmente os negros, em específico as mulheres, que sofrem cada vez mais sendo sujeitas aos diversos tipos de violências. Diante disso, pode-se concluir que se todos estiverem engajados na luta contra a opressão, na defesa da igualdade social e da inclusão, é possível promover mudanças positivas que façam com que o racismo e outros atos violentos sejam banidos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASSIS, Aline Eiko Hoshino Campus. *A figura de Mãe Susana na obra Úrsula de Maria Firmina dos Reis em 1859. Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade*. ANPUH/SP – UNESP-Franca. 06 a 10 de Setembro de 2010. SEMINÁRIO NACIONAL DO INES, 14, 2009, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2009. 160p.

CAMPOI, Isabela Candeloro. O livro “Direito das mulheres e injustiça dos homens” de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX. *História*, São Paulo: ago/dez 2011.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas. *Revista Subjetiva*, v. 21, 2017.

CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010. (Coleção Consciência em Debate).

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIOGO, Luciana Martins. *Da sujeição à subjetivação: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras “Úrsula” e “A Escrava” de Maria Firmina dos Reis*. 2016. 220 f. 2016. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros)–Instituto de Estudos Brasileiros. Universidade de São Paulo, São Paulo.

DUARTE, Constância Lima. *MARIA FIRMINA DOS REIS: Faces de uma precursora*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

DUARTE, Eduardo de Assi. Escravidão e patriarcado na ficção de Maria Firmina dos reis. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 59, p. 223-236, 2018.

GARRIDO, Natércia Moraes. As pesquisas de Nascimento Moraes Filho e o resgate da vida e obra de Maria Firmina dos Reis. *Revista Firminas*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 243-251, jan/jul, 2021.

LONZA, Gabriel Battazza et al. A educação das mulheres no Brasil: Nísia Floresta e a experiência do Colégio Augusto (1838-1849). 2019.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: invisibilidade e presença de uma romancista negra no Brasil do século XIX ao XXI. In: REIS, Maria Firmina. *Úrsula*. São Paulo: Peguin Classics; Companhia das Letras, 2018.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude, usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

NOVAIS, Fernando A. *Estrutura e dinâmica do antigo sistema colonial: séculos XVI-XVIII*. Editora Brasiliense, 1978.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula: romance; A escrava: conto*. Florianópolis: Mulheres, 2004.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. São Paulo: Peguin Classics; Companhia das Letras, 2018.

RUFFATO, Luiz; EVARISTO, Conceição (Ed.). *Questão de pele*. Língua Geral, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

STUART, H. A. L. L. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo horizonte: UFMG, v. 124, p. 93-125, 2003.

SANTOS, JÁ. Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida. In: MACEDO, JR., org. *Desvendando a história da África [online]*. Porto Alegre: UFRGS, 2008. p. 181-194.

SILVA, Cecília Sousa. O negro como o símbolo de libertação em *Úrsula*: um olhar para Túlio e Preta Susana como sujeitos de sua própria história. *Revista Zabelê – PPGANT -UFPI*, Teresina, vol. 3, n. 1, 2022.

Universidade Federal de Minas Gerais, 2022. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/luiz-gama-um-lutador-contra-o-escravismo-no-brasil>. Acesso em 07 de jan. de 2024.